

Brasil pede a EUA ajuda para acordo

■ Ministro Paulo Haddad terá reuniões com altas autoridades do governo Clinton

TEODOMIRO BRAGA

Correspondente

WASHINGTON — O ministro da Fazenda, Paulo Haddad, que inicia hoje sua primeira missão oficial nos Estados Unidos, pedirá o apoio da administração Clinton para sua difícil tarefa de reativar rapidamente o acordo com o Fundo Monetário Internacional. A ajuda será solicitada em encontros do ministro com as novas autoridades da Secretaria do Tesouro, que estão sendo acertados pela embaixada brasileira. Além do secretário Lloyd Bentsen, o novo homem forte da economia americana, Haddad também pretende conversar com o controverso economista Lawrence Summers, indicado para subsecretário do Tesouro para assuntos internacionais, posto responsável pelas relações econômicas dos EUA com os países do Terceiro Mundo. Já está marcada uma audiência com o presidente do Federal Reserve Board Allan Greenspan.

Os encontros serão realizados paralelamente aos contatos do ministro da Fazenda com o FMI e os outros organismos financeiros in-

ternacionais e também servirão para a introdução de Haddad e suas propostas às novas autoridades econômicas americanas. O ministro deverá concentrar as discussões nos problemas enfrentados pelo país no campo das finanças internacionais, especialmente o acordo com o FMI, a finalização do acordo da dívida externa com os bancos privados e a colaboração do Banco Mundial (Bird) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), deixando para os canais diplomáticos o encaminhamento do conflito provocado pelas elevadas sobretaxas impostas pelos EUA às importações de aço brasileiro e outros itens do contencioso comercial entre os dois países.

Com Greenspan — A reunião com Greenspan está agendada para às 15h15 de quarta-feira, último compromisso oficial de Haddad nos Estados Unidos, enquanto as audiências na secretaria do Tesouro ainda dependem de acertos finais. O ministro chegou no sábado de manhã à frente de uma pequena comitiva integrada pelo presidente do Banco Central, Gustavo Loyola,

o presidente do BNDES, Antônio Barros de Castro, e o secretário de Assuntos Internacionais da Seplan, José Arthur Medeiros Denot, além de seu chefe de gabinete, José Rubens Pontes. O ministro chamou atenção por se hospedar num hotel modesto no centro da capital americana, o Wyndhan Briston.

A delegação concluiu os preparativos da visita numa reunião ontem à tarde na embaixada brasileira, um dia gelado em que a temperatura chegou a 10 graus centígrados abaixo de zero. A missão inicia hoje sua tarefa com uma reunião no escritório do diretor executivo do FMI para o Brasil, Alexandre Kafka, que ajuda a escrever mais um capítulo da tumultuada história do relacionamento Brasil-Fundo. No posto há duas décadas, Kafka participou das negociações das nove cartas de intenções e três acordos firmados pelo Brasil com a instituição nos últimos dez anos, todos fracassados. O objetivo de Haddad, que também conversará hoje com o diretor do Departamento Ocidental do Fundo, Sterie Beza, é normalizar as relações com o

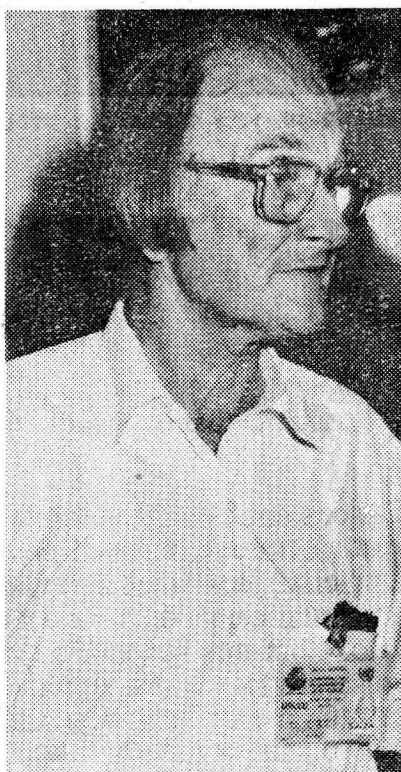
FMI pela retomada do acordo assinado pelo ex-ministro Marcílio Marques Moreira, suspenso desde o início do semestre passado. A busca de um novo acordo, acha ele, exigiria uma negociação mais demorada e ainda mais difícil.

Com Camdessus — “Ainda não se conseguiu sentar com o FMI para fazer uma avaliação completa do desempenho do acordo (assinado por Marcílio)”, diz Haddad, que apresenta formalmente sua proposta em almoço amanhã com o diretor-executivo do FMI, Michel Camdessus. Para tornar viável a estratégia de reativação rápida do acordo herdado do governo anterior, Haddad propõe a Camdessus transformar em missão negociadora a missão do FMI que irá ao Brasil em março, para levantamento de dados sobre a economia brasileira, no contexto do artigo 4 do estatuto do FMI. A pressa de Haddad em fazer as pazes com o Fundo é facilmente explicável: a concretização do acordo de renegociação da dívida com os bancos privados e a obtenção de novos recursos.

Economista polêmico, o principal interlocutor

A primeira missão oficial do ministro da Fazenda Paulo Haddad aos Estados Unidos também marcará o início dos contatos das autoridades brasileiras com um polêmico personagem a quem caberá coordenar as relações econômicas dos Estados Unidos com o Brasil e outros países em desenvolvimento. Trata-se do economista Lawrence Summers, que provocou reações de organizações não governamentais de todo o mundo, no ano passado, ao propor num memorando interno do Banco Mundial a transferência de indústrias sujas dos países industrializados para as nações pobres do Terceiro Mundo. O então secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger, enviou na época uma rispida carta de protesto a Summers, que era o economista-chefe do Banco Mundial.

Summers foi indicado para o posto de subsecretário do Tesouro para assuntos internacionais, em substituição a David Mulford, um ex-banqueiro fluente na língua espanhola que tinha um atenção especial em relação ao Brasil por causa de sua antiga amizade com o ex-ministro Marcílio Moreira. A indicação de Summers, que não fala espanhol e tem pouco conhecimento sobre os problemas brasileiros, ainda não foi confirmada pelo Senado e por isto há algumas dúvidas protocolares sobre a marcação



Lutzenberger (E) protestou contra as 'indústrias sujas' de Summers



da sua audiência com Haddad. Se for não possível uma reunião exclusiva entre os dois, ele deverá participar do encontro entre o ministro e o novo secretário do Tesouro, Lloyd Bentsen.

Por causa do memorando, a Friends of the Earth (Amigos da Terra), o Greenpeace e outras entidades ecológicas e organizações não-governamentais abriram fogo

contra nomeação de Summers para um dos principais cargos da secretaria do Tesouro, enviando informações contrárias a ele à Comissão de Finanças do Senado, encarregada do processo de confirmação de sua indicação. Apesar da forte reação das ONGs, que apontaram sua indicação como um “insulto ao Terceiro Mundo”, o nome de Summers certamente será confirmado

pelo Senado, por causa de seu excepcional currículo acadêmico e de suas antigas ligações com o Partido Democrata. Os senadores também estão predispostos a aceitar sua explicação de que escreveu o polêmico memorando apenas para provocar discussão no Banco Mundial. Ele já vem trabalhando informalmente na secretaria do Tesouro mas sem ocupar a antiga sala de Mulford.

Haddad faz questão de se encontrar com Summers porque suas opiniões terão influência decisiva na posição da administração Clinton em relação à ajuda ao governo Itamar Franco em sua batalha para normalizar as relações do país com a comunidade financeira internacional. Além do aval americano à sua estratégia de reativar logo o acordo com o FMI, o ministro Paulo Haddad também espera contar com apoio dos Estados Unidos à ampliação dos empréstimos ao Brasil por parte do Banco Mundial (Bird) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Por ser o maior acionista, os Estados Unidos são o país com maior poder de voto tanto no FMI como no Bird e no BID.

O encontro com presidente do Federal Reserve Board (FED), Allan Greenspan, na quarta-feira, incluirá outro tema: a independência do Banco Central.

Agenda oficial repleta de compromissos

A agenda da missão oficial de três dias do ministro Paulo Haddad em Washington é a seguinte, faltando ainda marcar as audiências com as autoridades da secretaria do Tesouro.

Hoje

9h30 — reunião de trabalho no Fundo Monetário Internacional

Amanhã

8h30 — café da manhã com acadêmicos americanos

12h30 — almoço com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus

15h — encontro com o vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina, Shahid Husain

16h — encontro com o presidente do Banco Mundial, Lewis Preston

Quarta-feira

11h — entrevista à imprensa na embaixada brasileira

12h30 — encontro com o presidente do BID, Enrique Iglesias

13h — almoço com a diretoria do BID

15h15 — encontro com o presidente do Federal Reserve Board (FED), Allan Greenspan

Quinta-feira

9h30 — embarque para Brasília